

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

O Dia do Médico

* Gladstone F. Machado

A classe médica comemora oficialmente sua data maior em 18 de outubro, por ser o dia consagrado a São Lucas. Médico, pintor e santo, autor do 3º Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, São Lucas de há muito é considerado o patrono dos médicos e dos pintores. As primeiras representações da Virgem Maria devem-se a ele.

Sobre sua vida muitos fatos são desconhecidos, dando motivo a várias versões, sabendo-se ter ele vivido no primeiro século da Era Cristã. Nascido em Antióquia, cidade da Turquia (hoje chamada Antakia), à época importante metrópole do mundo romano, formou-se médico em Pérgamo (outros autores afirmam em Tarso), clinicou em muitas cidades, fez peregrinações religiosas, recebeu a influência do pensamento teológico de São Paulo, seu grande amigo, tendo sido martirizado em Tebas (Grécia), aos 80 anos, por enforcamento, segundo consenso da maioria dos antigos historiadores.

Seus restos mortais foram posteriormente trasladados para Constantinopla (sec. IV), sendo depois levados para Pádua (sec. VIII), onde se encontram, na Basílica de Santa Justina. São Lucas viveu uma vida longa, atuante, tendo exercido a Medicina notadamente em sua cidade de Antióquia e em Filipos, na Macedônia, onde fora acompanhando São Paulo, quando este iniciou sua notável e extraordinária atividade evangélica.

Segundo algumas versões, São Lucas não teria conhecido pessoalmente Jesus. Inúmeros autores, todavia, relatam que eram Lucas e Cleofas os discípulos a quem Cristo apareceu e seguiu na estrada de Emaús, a nove quilômetros de Jerusalém, após a ressurreição, tendo ceado com eles.

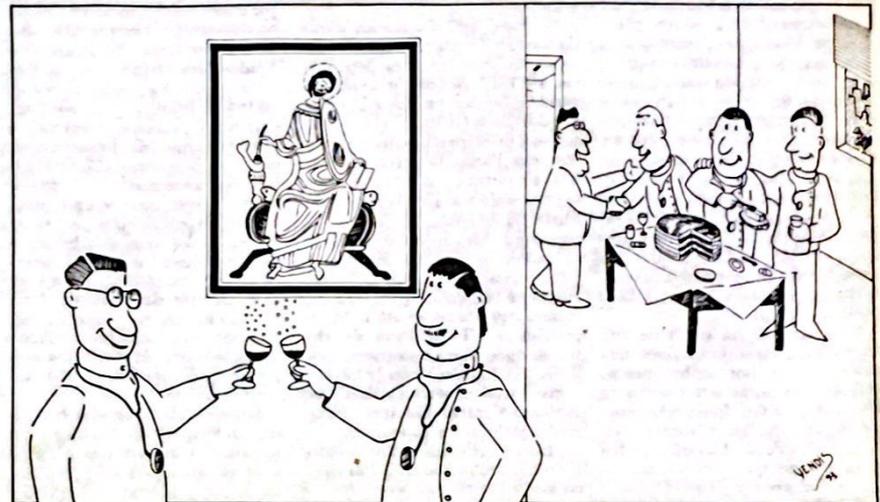
Tem sido motivo para inúmeros quadros famosos, que se encontram em vários museus importantes do mundo, esta passagem bíblica. Citemos a "Ceia de Emaús", de Caravaggio (museu de Bruges, na Bélgi-

ca); os "Discípulos de Emaús", de Rembrandt (Louvre). Uma referência à "Ceia de Emaús", de Domenichino (sec. XVI), que se encontra no museu de Belas Artes, Rio de Janeiro, com uma curiosidade, que é apresentar o Cristo de chapéu.

De há muito que a data de 18 de outubro, em vários países, é tradicionalmente festejada como o Dia do Médico. Assim, na França, Inglaterra, Itália, Bélgica, Espanha e nos Estados Unidos, têm havido solenidades desde fins do século passado, com missas e reuniões culturais, patrocinadas notadamente por Associações de Médicos Católicos. Em 1944, a Faculdade de Medicina de Buenos Aires estabeleceu a data de 18 de outubro como o Dia do Médico.

Entre nós, houve tentativas isoladas para designar a data de São Lucas como o Dia do Médico. Na Santa Casa de Misericórdia, refere Eurico Branco Ribeiro que, no início do século atual, comemorava-se o Dia do Médico em 18 de outubro, iniciativa de Arnaldo Vieira de Carvalho, com uma missa de ação de graças, seguindo-se almoço de confraternização, a que compareciam as figuras gradas da classe. Também em Santos e Sorocaba havia solenidades nessa data. No Recife, desde 1966, quando presidente da Associação Médica de Pernambuco, o dr. Rosalvo Cavalcante empenhou-se para instituir o Dia do Médico em 18 de outubro. Também em Salvador, essa data era comemorada, sob o patrocínio da Sociedade dos Médicos Católicos.

Em São Paulo, a designação é recente, devendo-se ao trabalho promocional do dr. Eurico Branco Ribeiro (1902-1978), cirurgião paranaense, aqui radicado, médico e humanista, que pertenceu a várias Associações científicas e literárias, grande estudioso da vida de São Lucas. Essa idéia, para concretizar-se oficialmente, contou com o apoio do médico Abraham Dabus, à época deputado estadual, que elaborou projeto de lei instituindo o Dia do Médico em 18 de outubro, sendo aprovado pela Assembléia Legislativa, em sessão de 30 de novem-



bro de 1971, e sancionado a seguir pelo então governador Laudo Natel.

Abraham Dabus, em sua justificativa, faz referências à escolha da data por ser o Dia de São Lucas, patrono dos médicos, lembrando que em muitos países, de há muito se comemorava, nesse dia, o evento.

Lembramos, como curiosidade, que em décadas passadas houve a tentativa de instituir o Dia do Médico em 5 de agosto, data de nascimento do sanitarista Osvaldo Cruz. Relembre-se também que a Associação Panamericana havia recomendado comemorar-se o Dia do Médico em 3 de dezembro, em homenagem ao cientista cubano Carlos Juan Finlay, que descobriu o agente transmissor da febre amarela.

A Associação Paulista de Medicina tem comemorado condignamente a data, levando a efeito, anualmente, uma solenidade, com extenso e seletivo programa cultural, onde se têm prestado homenagens a vultos de renome da classe médica, além de patrocinar competições esportivas entre os médicos.

* Gladstone F. Machado é diretor de Cirurgia Torácica do Complexo Hospitalar do Mandaqui e do Hospital Cruz Azul, além de membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Oração do médico

* Eduardo Lambert

Senhor,
Vós
Que sois o Divino Médico
E que,
Com o olhar abençoavas,
Com as palavras despertavas
E, com o simples tocar das mãos curavas,

Vós
Que, em sublime peregrinação
Da mangedoura ao calvário
Deixaste a lição de amor
A toda humanidade
Daquela hora, da agora
E da eternidade

Vós
Mestre amigo,
Que sois
O caminho, a verdade e a vida
Dai-nos
Para que continuemos
O sublime sacerdócio
E, que saibamos sempre
Ouvir com o coração,
Discernir com a razão,
Orientar com a intuição
e curar com amor.

Ovídio Pires Campos

Precursos e pioneiros de sua escola

* Geraldo W.S. Gonçalves

Formado em 1944 pela então Faculdade Nacional de Medicina, por cinco anos — de "ataché" a interno efetivo e depois assistente voluntário — estive integrado ao Serviço do professor Juvenil da Rocha Vaz, no qual vigorava a "Escola Constitucionalista", pouco praticada em São Paulo; Berardinelli já tinha serviço e cátedra próprios; mas, meu querido mestre João Aleixo de Brito "levava-me pelas mãos" aos diversos setores da Clínica Médica, entre eles a nascente Endocrinologia. Desta teria de tomar conhecimento da "Escola Lemos Torres", assim como, em Cardiologia — em que, no Rio de Janeiro, Magalhães Gomes era o oráculo — não havia porquê não abeberar-se em fontes paulistanas, notadamente Jairo Ramos e Luiz Venere Décourt.

Mas somente há cerca de três anos Ovídio Pires de Campos chegou-me ao melhor conhecimento, ante as entusiastas informações de Flerts Nebô e Gil Spilborghs, apesar de já ter-lhe lido a biografia, da lavra do professor Carlos da Silva Lacaz, e de que seus assistentes Dante Pazzanese e Reinaldo Chilverini muito me ensinaram mesmo à distância — dos modernos caminhos da eletrocardiografia.

Além de "Vultos da Medicina Brasileira" (Lacaz, 1963), chegou-me às mãos, em minhas pesquisas na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina, "In Memoriam" (1951), editado pela família e amigos, com substanciais informações sobre a vida e a obra de tão insigne mestre.

Fiz-me assim consciente dos especiais merecimentos do professor Ovídio e do destaque que teria de reservar-lhe nesse meu afã de redescobrir mais de cem anos da história progressa de minha especialidade no Brasil, e para fazer-lhe justiça pelo alento e apoio que deu aos seus assistentes e colaboradores, em suas incursões e direcionamentos no sentido das especialidades que afloravam, incluído o estudo das doenças reumáticas, ainda de nebuloso conhecimento, mas já na busca da aurora que, em breve, dispersaria para longe a escuridão de conceitos e preconceitos obsoletos.

Nascido o menino Ovídio em Tatuí (SP), em 08.05.1884, foram seus pais o coronel Bento Pires de Campos e da. Gertrudes Maria de Freitas Campos; e, após estudos primário e secundário — de então — prestou "exames de preparatórios", no Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo.

Bons ventos o levaram a fazer "exame vestibular" para nossa mais antiga Faculdade de Medicina, a da Bahia, na qual matriculou-se em 1899. Na vetusta instituição, cursou até o quarto ano médico, tendo como companheiros de estudo futuros grandes nomes da profissão, Celestino Bourroul, Zeferino do Amaral, Enjloras Vampre, e outros que, com ele, transfe-

riram-se para o Rio de Janeiro, em cuja Faculdade, meca principal de quantos aspiravam à nossa profissão, graduou-se em Medicina, na turma de 1905. Foram seus mestres Francisco de Castro, Miguel Couto, Miguel Pereira, entre outros grandes.

"Cursou" então a grande escola da Medicina prática — a interiorana — em Sorocaba, onde permaneceu até 1910. Novos horizontes haveria de buscar, na Europa, onde, por dois anos (1910-1911) frequentou seus principais hospitais e serviços: em Paris, Londres, Berlim, Viena e outras, nas quais se praticava e ensinava a mais primorosa Medicina de então.

Mesmo antes de viajar, havia sido admitido — a 10 de maio de 1905 — na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, para onde retornou e permaneceu até 1948, na prestigiosa III Medicina de Homens, onde já encontrara o grande mestre Rubião Meira, e haveria de conviver com Diogo de Faria, Pinheiro Cintra, Celestino Bourroul e Melquiades Junqueira.

Mas seu principal destino e corolário natural de seu trabalho clínico era o magistério; assim que, e por uma escolha sua, foi nomeado lente substituto de Fisiologia da Faculdade de Medicina de São Paulo (1914), para logo, em 1915, por brilhante concurso, ascender a lente catedrático, em disciplina de valor capital para perfazer caminhos como a Fisiopatologia, da maior importância para um melhor conhecimento da Patologia Interna e da Clínica Médica.

Foi este esmerado preparo que lhe produziu méritos para ser transferido para a Segunda Cadeira de Clínica Médica, em 1917, sediando-a na III Medicina já referida; e só daí transferiu-se, quando da instalação da cátedra no recém-inaugurado e suntuoso Hospital das Clínicas, em 1948.

No afã de sua ascensão à cátedra, publicou inúmeros trabalhos científicos, entre eles seus biógrafos selecionam uma dúzia (entre 1910 e 1916), um deles sobre "Artrites meningocócicas", inserido em Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia (abril de 1915), pelo que, no entendimento com que elaboro este meu trabalho histórico, me faz tê-lo como "precursor", além de sua comenda, maior para nós, de patrono.

Sua dedicação extrema à cátedra, sua disciplina de trabalho — o primeiro a chegar a seu serviço — (assim informa Lacaz), não o privaram de dar seu contributo como vice-diretor (1918) e diretor (1920) da Faculdade de Medicina, onde pontificava, justamente "durante o período de formação e consolidação desta casa de ensino" (ainda Lacaz). E com a grande responsabilidade de substituir à altura a quem tanto dera para a fundação e instalação de modelar instituição, o saudosíssimo grande médico e administrador dr. Arnaldo Vieira de Carvalho.

Cidadão e médico, no melhor dos conceitos, mestre Ovídio não se furtou a outras funções, públicas e associativas, tendo sido presidente da Cruz Vermelha Brasileira, Seção de São Paulo, da Sociedade de Educação e do Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho. Também foi, por duas vezes (1918-19 e 1935-36), presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje Academia de Medicina de São Paulo; e membro correspondente da Sociedade Brasileira de Neurologia (RJ) e da Academia Nacional de Medicina, que iria depois elegê-lo membro honorário (27.12.1919). Não alcançara mais de 35 anos era recém-ingressado na cátedra e, assim mesmo, já era licito prever que o perpassar dos anos só o haveriam de engrandecer na "ciência, na ética e no humanismo". Até a triste data de três de julho de 1950, quando houve por bem o Criador dar por encerrada tão brilhante carreira, marcada meritariamente por "cultura, honradez, bondade e espírito público".

Sirvo-me de fotografia inserida em "In Memoriam" (já citado), para nominar aqueles que o rodeavam na cátedra e na III Medicina de Homens, da Santa Casa: Heitor Pires de Campos, Alcides Ayrosa, Armando Valente, Jayme Lima de Moraes, Dante Pazzanese, João Roberto Pires de Campos, João Batista de Oliveira Costa Jr., Guilherme Schultz, Eduardo Ramalho, Paulo Vilela de Andrade, José Silveira de Araujo e Tarcísio Leopoldo e Silva. Deste último terei que fazer especial e merecido registro, como nitido precursor da Reumatologia brasileira de que fazem-me convicto a "memória e a gratidão" de Gil Spilborghs.

Na busca de competentes dados para esboçar-lhe melhor sua pessoa e suas atividades, fui orientado a procurar os bons ofícios do monsenhor Sylvio de Moraes Mattos, que o conheceu por haver sido secretário de dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro arcebispo de São Paulo e irmão do dr. Tarcísio. Melhor fonte foi aquela que o bondoso sacerdote me dirigiu: o dr. Eduardo Duarte Leopoldo e Silva, preclaro advogado paulistano, justamente filho, dedicado à memória de seu pai, do nosso precursor.

Nasceu ele em Taubaté (SP), aos 20 de abril de 1887, filho de Bernardo Leopoldo e Silva e Ana Rosa Correia Marcondes. Consta que seus estudos primário e secundário fez em Taubaté; e, entre 1905 e 1907, frequentou o curso de Farmácia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, do que foi diplomado.

Nos anos de 1908 a 1909, foi proprietário de uma farmácia em Americana (SP), aos tempos em que o farmacêutico exercia com amor e dedicação sua nobre arte, e, quando, com seus "primos" médicos, completava-se na benévola assistência à saúde das populações.

Dr. Tarcísio fez melhor que isso: em 1909, matriculou-se na Facul-

dade de Medicina do Rio de Janeiro, colando grau em Medicina a 22 de dezembro de 1914, defendendo "tese de doutoramento" sob o título "O Conceito de Histeria", aprovada com distinção. Casando-se ainda estudante, a 19 de maio de 1912, com dona Ada Bocoline, teve que, para manter-se e a esposa, exercer modestas funções como "inspector" da Companhia de Bondes (Light) e também, como vacinador, na campanha contra a febre amarela.

Em 1915, voltaria para a cidade de São Paulo, onde, até o final de 1940, teve consultório particular, à rua Barão de Itapetininga; por razões de saúde, deixou de clinicar para dedicar-se à agropecuária, em Pompéia (SP), até 1962, quando faleceu, na prolecta idade de 75 anos.

Sua vida profissional foi das mais profícuas, tendo sido médico, no período de 1915 a 1938, da Companhia Antártica Paulista; e foi com o apoio desta empresa que realizou magnífico e benemerito trabalho na luta contra o flagelo que afligiu a população paulistana: a "gripe espanhola" de 1918. No combate àquela voraz dizimadora de jovens vidas, o médico, também jovem, não lhe deu tréguas: com risco de sua preciosa vida, ultrapassando até os limites da resistência humana, percorria as ruas do bairro da Mooca, levando às famílias pobres não somente o socorro de sua ciência, mas também o conforto de sua palavra e sua presença, pois que as atendia até na feitura de alimentos, já que a extrema astenia da "febre" deixava famílias inteiras presas ao leito, quando não ao chão úmido e frio. Notável também foi sua assistência à soldadesca das revoluções de 1924 e "Constitucionalista" de 1932.

Sem dúvida, tais ações, até heróicas, lhe valeram o reconhecimento público que resultou em sua eleição, como deputado estadual, em 1934, quando Getúlio Vargas, atendendo aos reclamos populares, aceitou em promulgar a Constituição daquele ano, elegendo-se, indiretamente, presidente da República, para, logo depois, em 1937, "rasgá-la", instalando o "Estado Novo", e impedindo que o grande paulista Armando Salles de Oliveira sequer concorresse a eleições para a chefia do Estado.

No exercício do mandato, exerceu suas ações por excelência para as questões sanitárias, além do que, defendendo politicamente as liberdades individuais, o "municipalismo" e a "não-ingrência do estado na economia", idéias ainda hoje tão defendidas e que eram a bandeira do Partido Republicano Paulista, o PRP do inclito Altino Arantes; que ouvi, mais tarde, muitas vezes seu nome enaltecer, de meu tio Philomeno José da Silveira, farmacêutico nas cidades de Bebedouro e Barroto.

O dr. Tarcísio Leopoldo e Silva foi esposo e pai extremado, muito sofrendo pela perda de sua esposa Ada, falecida em 10.02.1917; deste

primeiro matrimônio houve duas filhas, Hilda e Celina; casar-se-ia, em segundas núpcias, a 13.10.1921, com dona Margarida Leite de Barros, com quem teve uma prole de oito filhos, entre eles o dr. Eduardo Duarte Leopoldo e Silva, casado com dona Ana Maria Arruda Botelho e mui conceituado advogado na cidade de São Paulo, em cuja tradicional Faculdade de Direito do largo de São Francisco graduou-se.

A vida médica comunitária do nosso precursor iniciou-se na benemérita Santa Casa de Misericórdia, desde quando formado (1914) retornou a São Paulo; aí pontificou por mais de trinta anos, merecendo, após o seu falecimento, o título de "médico honorário". Deu-me conta desse ingresso e dos sucessos que se seguiram o seu ex-aluno (1929) e grande amigo, o dr. Sebastião Hermeto Jr., em seu testemunho, longo e pleno de amizade, que fez publicar em jornal de São Paulo, logo após o falecimento do dr. Tarcísio, ocorrido em 22.06.1962.

Seus pendores para o magistério, muito cedo externados, fizeram-no prestar, apenas quatro anos depois, brilhante concurso para docência livre em Clínica Médica. Coincidiu com a época em que Arnaldo Vieira de Carvalho alicia valores novos para a Faculdade que recém-fundara, em 1912. E a Santa Casa, como o único e grande hospital paulistano, era o campo natural de aliciamiento.

Assim, nada mais natural que não passasse despercebido de Ovídio Pires de Campos, aquele jovem, há pouco egresso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e que lhe pareceu herdar dos mestres da então capital federal o gosto pela Propedeutica "detelhada" e pelos segredos da Patologia Interna.

Destarte, tão logo ascendeu à cátedra, em 1917, convidou-o para seu "primeiro-assistente", quando Tarcísio já ostentava o título de livre-docente, para logo fazer-se merecedor da confiança do mestre, por sua excelente cultura geral e médica, que, naqueles tempos, haviam de, necessariamente, coexistir.

Assim, o médico logo demonstrou seu virtuosismo como propedeutista e como diagnosticista; e, o professor, esmerava-se na análise cartesiana dos sintomas e sinais, até questionava-se a si mesmo para induzir seus alunos ao raciocínio dedutivo e ao diagnóstico diferencial e positivo. Ainda não havia, com a intensidade de hoje, o abuso da "muleta do médico", o laboratório clínico. E só muito depois haveria de aliar-se a este a tecnomedicina moderna, para que o médico não mais esgotasse o armamentário clássico da clínica e só então buscasse suas informações complementares.

Não me foi possível identificar, ou melhor, precisar, o início de seu interesse particular pelas doenças reumáticas, mas deve ter sido bas-

...ante precoce, haja vista que, em muitas pesquisas, localizei o registro de uma reunião da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (hoje Academia de Medicina de São Paulo), realizada em 01 de maio de 1916, publicado nos anais da instituição, em setembro de 1916. Na "direção científica" da publicação estavam os drs. Arnaldo Vieira de Carvalho, Diogo Faria, Vital de Brasil e Aluísio de Castro (R); e, também, entre outros, os professores Zeferino do Amaral, Celestino de Bourroul, Ovidio Pires Campos e Benedito Montenegro, além de Enrijas Vampre, a cargo de quem foi "Ordem do Dia". Esta constava de comunicação de quatro casos de "radiculite", dos quais três de localização lombar, dele mesmo; e um de "radiculite cervical", de Tarcísio Leopoldo e Silva, em data anterior à sua docência.

Pode concluir, por outro lado, que o dr. Tarcísio era avesso a publicações, uma vez que, em alentada bibliografia por mim pesquisada, encontrei, além de sua "tese de doutoramento", apenas a citação do seguinte trabalho (de 1913), quando ainda estudante: "Sobre

um caso de Balantidiose associada à disenteria amebica", publicado nos "Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia", de dezembro daquele ano.

Mas é nosso enfoque principal o registro de seu interesse particular pelas moléstias do grupo reumático, para o que valho-me do testemunho de colegas de serviço, como o dr. Roberto Pires de Campos, de que praticava a "reumatologia" (termo cunhado por Comroe-USA, em 1934), e aquele dos familiares do dr. Tarcísio e de sua grande clientela, que não se limitava ao seu consultório paulistano, senão que comumente deslocava-se ao Rio de Janeiro, para atender a pacientes, muitos deles, reumáticos.

É testemunho maior o do pioneiro Gil Spilborghs, que desde 1933 — ainda cursando o 5º ano médico — o teve como grande incentivador para seguir a especialidade, então ainda em esboço. Lembra Gil haver sido apresentado com o livro — hoje clássico — "Once lecciones sobre el reumatismo", de Marañón, que ambos liam e sobre seus assuntos discutiam. Tarcísio também o prestigiou,

escolhendo-o para a feitura de fichas de ambulatório e enfermaria, no mister, caminho para, progressivamente, assenhorear-se da matéria que as preleções de "beira do leito" aclaravam as dúvidas, ainda muitas, para mestre e aluno, no quadro clínico, diagnóstico, tratamento e classificação das afeções reumáticas.

Assim, Gil, até que se consolidasse o movimento que daria curso à "Reumatologia brasileira", crescia em conhecimentos, sob o pálio incentivador de Tarcísio e o apoio nunca faltado de mestre Ovidio, logo escudado na obra que se tornaria oráculo mundial, o "Arthritis", de Comroe, em sua primeira edição (1940).

Concluiu seu curso em 1934, Spilborghs permaneceria na cátedra já em 1935, como médico auxiliar e, depois, médico adjunto também com atribuições docentes, na qualidade de "assistente extranumerário", e depois, como "efetivo", posição em que o nomina o professor Ovidio, em discurso, na homenagem que se lhe prestou na Santa Casa, quando da transferência para o Hospital das Clínicas

(1948). Esta transferência fez de Gil "professor assistente doutor", com autoridade para fundar, de pronto, o Serviço de Reumatologia do Hospital, sob sua chefia.

No discurso recém-citado, Flerts Nebô foi também nominado pelo mestre, na condição de assistente voluntário, na boa companhia de Reinaldo Chiaverini e outros. Nebô tinha outros compromissos profissionais, que, até por problemas de acumulação, não o permitiam assumir funções fixas de magistério.

Gil e Nebô, ambos pioneiros da "Reumatologia brasileira", terão suas biografias detalhadas inseridas em capítulo próprio deste livro. Mas vale aqui lembrar que, recebendo Israel Bonomo, emissário de Waldemar Bianchi, também paulista e "princeps" da fundação da Sociedade Brasileira de Reumatologia (1949), aqueles colegas ilustres fundaram em 24 de agosto de 1953 a Sociedade Paulista respectivamente, com o concurso imprescindível dos demais fundadores: Castor Cobra, Roberto Taliberti, Hernani d'Auria, Waldo Rolim de Moraes, além de outros.

O esforço de todos eles foi deci-

sivo para a organização, dois anos depois, pela Sociedade Brasileira, do I Congresso Brasileiro de Reumatologia, sediado no Rio de Janeiro e na cidade de São Paulo, em agosto de 1955, marco indelével da especialidade. Este primeiro encontro congregou os especialistas de ambas as cidades e de quase todos os quadrantes deste imenso Brasil, incluindo-se este modesto "escrivão".

E que, em nome da história e de sua verdade, registra de modo peregrino as condições impostergáveis de patrono da Reumatologia brasileira do eminente mestre da Clínica Médica Paulista, professor doutor Ovidio Pires de Campos; de grande precursor, professor doutor Tarcísio Leopoldo e Silva, incentivadores, ambos, de dois pioneiros e importantes nomes da Reumatologia paulista e brasileira: Gil Spilborghs e Flerts Nebô.

* Geraldo W.S. Gonçalves é membro das Academias Cearense de Medicina e Brasileira de Reumatologia. É também professor titular aposentado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

O homem e seu coração

• Hudson Hubner França

A curiosidade, com freqüência, precede o conhecimento e, por causa disso, abre o caminho ao progresso. Foi graças à necessidade — muitas vezes com a ajuda do acaso — que o homem domesticou o fogo que roubara dos céus e inventou instrumentos para o trabalho e a guerra; descobriu propriedades curativas nas plantas, mandou sua voz e imagem a distâncias inscricíveis, através do éter, e criou uma tecnologia capaz de dar à humanidade uma vida de paz e conforto. E foi assim que montou o apocalipse da guerra atômica.

Eu imagino a curiosidade do primeiro homem, no silêncio imenso das noites primeiras, deitado na grama, descuidado — enquanto olhava as estrelas do céu, com a perplexidade inocente de quem não lhes sabe o nome ou o sentido — quando percebeu que alguma coisa se mexia, alguma coisa batia dentro de seu peito, como se fosse um animal que caminhasse lenta e compassadamente. Também não é difícil imaginar o seu espanto, no dia em que, ante a proximidade do animal feroz que lhe mordava a caverna, sentiu saltar do peito, violentamente, esse outro animal que num outro tempo, em algum lugar, alguém chamaria de coração.

Não deve ter passado muito tempo desde esse primeiro momento de espanto para que o homem primitivo identificasse no peito aberto de um inimigo agonizante ou numa caça recém-abatida aquilo que tanto o intrigara. Na civilização meicênica (3.000 a 1.500 a.C.) já se conhecia bem o coração e sabia-se que ele palpitava; o papiro de Ebers (1.500 a.C.) vai mais longe e diz que o coração se comunica com todos os membros e com eles fala através dos vasos que pulsam.

Ao mesmo tempo em que se ia

conhecendo a estrutura do coração, embora de modo rudimentar, surgiram as primeiras interpretações a respeito de sua função e de seu significado. Homero fala do coração apenas no sentido de coragem, ardor, energia, sem nunca se referir a ele como o centro da circulação.

A Sagrada Escritura faz inúmeras referências ao coração e o considera o elemento essencial à vida. Porém, a teologia bíblica é muito mais rica quando lhe atribui um sentido figurado, moral ou psicológico. Assim, é o centro das faculdades espirituais, a sede do pensamento e da reflexão; é o lugar da sabedoria e da memória; é sede da vontade e princípio de ação. No coração estão as disposições da alma, que podem ser boas ou más. De acordo com a antropologia bíblica, o coração do homem é a própria fonte de sua personalidade consciente, inteligente e livre. É o lugar onde faz suas opções decisivas. É o interior do homem no sentido mais profundo de sua pessoa, onde se recolhe e se vê frente a frente consigo mesmo; onde encontra seu Deus, com ele conversa, com ele se abre ou se fecha.

No entanto, o coração é inacessível aos olhos e só pode ser conhecido através das palavras e do comportamento do homem. Isso propicia uma dissociação entre o interior e o exterior, entre o ser e o parecer; permitiu ao homem tornar-se dissimulado, deu-lhe a terrível possibilidade de se tornar dúplice. E essa duplicidade, essa capacidade de se tornar ambíguo, tem estado presente no relacionamento entre os homens, na sociedade, na política, na religião, dissociando a palavra da intenção, permitindo ao homem enganar a seu semelhante, dando-lhe a possibilidade de agir em proveito próprio, enquanto alega fins comunitários. Deu origem à mentira, estimulou a

ambição, camuflou o egoísmo e preparou o terreno onde cresceram os grandes pecados contra a natureza e contra o próprio homem.

Nos ritos pagãos das antigas civilizações, o coração foi usado muitas vezes como oferenda aos deuses, nos sacrifícios que visavam propiciar vitórias ou boas colheitas. Em certos povos — como os incas e os astecas — fazia parte da tradição que o guerreiro comesse o coração do inimigo valente, pretendendo, com isso, adquirir o seu espírito e sua coragem; o nosso bom caipira, por motivos opostos, proíbe aos filhos comerem o coração do frango.

Desde cedo se conheceu a estreita relação entre o coração e as emoções, fato bastante explorado pelo romantismo. A esse respeito, é curiosa a história de Erasistrato, famoso médico grego (310-250 a.C.) que foi chamado à Babilônia para atender ao príncipe Antíoco que definhava num leito, vitimado por doença não identificada. Não foi difícil a Erasistrato diagnosticar o mal do príncipe quando, examinando-lhe o pulso, notou que este se acelerava bruscamente toda vez que entrava em seus aposentos a bela Estratônica, segunda esposa de seu pai.

A história, no entanto, é muito pobre em referências ao coração. Nenhuma vez assinala uma mudança importante em seu curso por problemas do coração, a não ser que se considere aqui a união do Egito ao Império Romano, feita por Antônio e Cleópatra...

Adriano, o imperador que gostava de administrar seu império viajando pelas províncias e que passou 12 anos fora de Roma, nos 21 anos de seu governo, viu-se limitado em suas andanças, no final de sua vida, vitimado por grave insuficiência cardíaca.

Uma tese curiosa foi apresentada há alguns anos a respeito da morte

de Abraham Lincoln. Um médico americano, estudioso da vida desse presidente, chegou à conclusão de que se ele não tivesse sido assassinado na noite de 14 de abril de 1865, teria morrido nos próximos meses, em consequência de uma falência cardíaca, devida a uma lesão da válvula aórtica. Seu estudo nasceu da observação de uma fotografia oficial do presidente, em que este se encontra sentado, com as pernas cruzadas. Nesse retrato, a perna de cima mostra o bico do sapato fora de foco. Ora, é pouco provável que um fotógrafo da Casa Branca cometesse um erro tão grosseiro como esse, a menos que a perna estivesse em movimento. Associando essa provável oscilação da perna à figura esguia do presidente, a seu rosto alongado, a seus membros compridos, às suas mãos que lembram aranhas, este médico pensou na possibilidade de que Lincoln fosse portador da síndrome de Marfan, em que este biótipo se encontra associado à insuficiência aórtica, doença em que a oscilação da perna cruzada é um sinal clássico. Há uma carta de Lincoln, escrita pouco tempo antes de ser assassinado, em que ele se queixa a um amigo que estava sentindo o fôlego curto durante as caminhadas, nos últimos tempos. Hoje, a insuficiência aórtica continua sendo uma doença grave mas que já tem possibilidades de tratamento clínico e cirúrgico, compatível com uma sobrevivência prolongada. Em meados do século passado, a insuficiência aórtica sintomática significava, quase sempre, morte próxima.

Se, por um lado, a história não se modificou muito em seu curso por causa do coração, o contrário não se verifica: o coração tem se modificado e sofrido muito com a história do homem. Essa influência tem sido tão grande, que se pode dizer que o homem moderno repete o ritual de seus antepassados,

oferecendo o seu coração em sacrifício aos novos deuses, que agora se chamam sucesso, "status", progresso, pagando-lhes tributo pela civilização conseguida; e, como no mundo pagão, é muitíssimo comum, nos tempos atuais, encontrarem-se placas, como se fossem estelas votivas, dispostas ao longo dessa estrada sagrada que se chama artéria coronária. De tal modo o coração está ligado aqueles deuses que, hoje, os que os cultuam e pertencem à sua confraria, trazem no próprio corpo, como os antigos iniciados, os estigmas desse culto: uma pequena cicatriz na prega do cotovelo, através da qual os novos sacerdotes, com a ajuda de fluidos, filtros e fórmulas mágicas, procuram exorcizar os demônios que se apossaram do coração do homem; outros, que mergulharam mais profundamente no seu culto, ostentam, com orgulho, enormes cicatrizes que lhes tomam a altura do peito e que foram feitas num demorado e minucioso ritual, executado num altar imensamente asséptico.

A pedagogia antropocêntrica ensina que a evolução do homem a partir das formas inferiores não é apenas quantitativa mas, também, qualitativa; que a transição da animalidade para a humanidade é uma mudança de gênero e não apenas de grau. Houve um momento, na passagem da natureza para a cultura, em que o instinto foi substituído pelo raciocínio e a partir daí, de modo gradual, a inteligência passou a influir cada vez mais e de modo decisivo na vida de relação do homem. O intelecto, pouco a pouco, analisou a vida com objetividade, setorizou o homem na sua estrutura e funções, classificou com lógica os seus desejos e necessidades e equacionou, cientificamente, o sentido de sua existência. No entanto, esse domínio da inteligência não foi capaz de

manter o equilíbrio do ser como um todo, não substituiu o primitivo instinto na satisfação das necessidades do homem. A condição de bem-estar, de equilíbrio, de felicidade, está mais na dependência de funções sensitivas que intelectuais. Fernando Pessoa faz alusão a isso nos seus Poemas Inconjuntos.

"Se sou mais que uma pedra ou uma planta? Não sei. Sou diferente. Não sei o que é mais ou menos.

Ter consciência é mais que ter cor? Pode ser e pode não ser.

Sei que é diferente apenas. Ninguém pode provar que é mais que só diferente.

Sim, escrevo versos, e a pedra não escreve versos.

Sim, faço idéias sobre o mundo, e a planta nenhuma.

Mas é que as pedras não são poetas, são pedras.

E as plantas são plantas só, e não pensadores.

Tanto posso dizer que sou superior a elas por isto.

Como que sou inferior."

"Ai de ti e de todos que levam a vida da

A querer inventar a máquina de fazer felicidade."

O equilíbrio que dá tranquilidade ao indivíduo origina-se das camadas mais profundas de sua personalidade, de estruturas mais antigas, anteriores ao soma e ao intelecto; — esse equilíbrio se apoia na alma afetiva, no pneuma, que os antigos acreditavam nascesse do coração. Werther se queixa de que o mundo não dá aos seus predicados o mesmo valor, o mesmo peso, que ele próprio lhes atribui: "Ela aprecia mais meu espírito e meus talentos que esse coração que, entretanto, é meu único orgulho... Ah, o que eu sei, qualquer um pode saber — meu coração só eu tenho".

Há uma teoria curiosa a respeito do desaparecimento dos dinossauros no período glacial. Segundo essa hipótese, os grandes répteis desenvolveram de maneira desproporcionada o corpo em relação ao crânio, de tal modo que, quando vieram os gelos, tornando o alimento escasso, eles tiveram dificuldade porque seu cérebro era insuficiente para conseguir alimento para aquele corpo. Hoje, talvez, aconteça o contrário com o homem: a grande hipertrofia da córtex cerebral está dificultando a alimentação da esfera afetiva, fazendo com que ela, submetida a um bombardeio de estímulos, sintasse mal alimentada, carenciada, muitas vezes à beira da inanção. Com isso, sobreveio o desequilíbrio de um ser que no início era, harmonicamente, somato-psico-pneumático. O homem procurou pôr ordem e ritmo no mundo, seguindo a sua inteligência e o seu desejo; com isso, desestabilizou o sistema e se colocou fora de sintonia com o universo, tornando-se o único ser estranho, o único estrangeiro que habita esse planeta. Modificou seu vestuário, sua habitação, seu alimento, seu comportamento social; mexeu na flora, na fauna, no ambiente físico. De um modo ou de outro, foi se ajustando a essas novas situações. Porém, existe uma defasagem entre a adaptação social e a biológica. Essa mudança do meio externo modificou o seu meio interno, influiu no metabolismo e

na bioquímica, fez com que a homeostasia se equilibrasse em outro nível. Em consequência, surgiram condições novas como a hipertensão, as doenças coronarianas, o acidente vascular cerebral, a úlcera duodenal e as neuroses. O homem passou a sofrer pressões a que não estava habituado: foi estirado, comprimido, deslocado, passou a ser solicitado e modificado continuamente pelas condições de vida e trabalho que ele próprio criara. Isso o tem levado, com frequência, a um esgotamento enorme, a um aniquilamento do corpo e da alma, à apatia, à ansiedade, à depressão; a distúrbios graves das funções orgânicas, afetivas e intelectuais. Este quadro, que foi denominado "burnt out syndrome", já é uma doença em si mesma mas, muitas vezes, prenuncia a eclosão de uma daquelas condições patológicas a que me referi acima.

O homem aprendeu muito bem a ciência das coisas mas está atrasado no conhecimento de si próprio e do relacionamento entre os seres. A ordem e o ritmo que impôs à sua vida não são os mesmos do universo. Há uma agitação constante, mudanças rápidas demais. O homem criou um mundo em que as coisas se transformam de maneira acelerada, em que nada é duradouro, em que tudo é transitório. Hoje o homem vive na era da impermanência.

Holmes e Rahe, na década de 50, demonstraram que as mudanças no padrão de vida de uma pessoa ("life events"), pelo seu número e qualidade, influam no estado de saúde e podiam, até mesmo, serem usadas para se prever o aparecimento de doenças, nesses indivíduos, nos próximos anos subsequentes a essas mudanças.

O homem bancou o aprendiz de feiticeiro e desencadeou processos que não está podendo controlar. Criou um mundo incoerente para se viver, mundo em que, a par de uma explícita aspiração de paz, se encontra o absurdo gasto militar; em que os remédios mais vendidos são drogas para úlcera duodenal, anti-hipertensivos e tranquilizantes, remédios que se usam ironicamente, para tratar distúrbios provocados pela própria civilização; mundo em que os Alagados do Recife coexistem com as mansões da Floresta da Tijuca; em que os Meninos Cantores de Viena vivem no mesmo tempo, lado a lado, com os massacres da Bósnia.

A ciência atual conhece muito bem a estrutura e o funcionamento do coração; sua anatomia e fisiologia são conhecidas em grande extensão e profundidade. Hoje, já não se acredita mais que o coração seja o repositório da nossa esperança e de nossa memória. Isto pertence ao passado, a uma época obscura da nossa ciência, e o homem moderno, sem a memória que o prende ao passado e a esperança que o liga ao futuro, flutua solto, ao sabor da vaga e do vento, sem amarras, sem pontos de referência, no mar enrespado da angústia, no abismo da solidão.

Lemos no livro do Gênesis que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e que depois "contemplou toda a sua obra e viu que tudo era muito bom". A mitologia clássica está repleta de histórias de homens que conviviam com os deu-

ses que habitavam a Terra. Se tomarmos essas narrativas como revelações divinas, como quer a religião, ou como expressão do inconsciente coletivo — como arquétipos junguianos — como ensina a psicologia profunda, então o homem teve a experiência de deuses, viveu entre eles, com eles conviveu numa terra que se chamava paraíso.

"para ti outrora os deuses povoaram a Terra"

"lá no alto na imensidão da noite antiga quer crepitassem estrelas quer o silêncio escoasse lentamente ou na transparência dourada a soberana Lua vogasse

tranquilo era o sono dos homens". Se compararmos essa terra com a de hoje, habitada por homens insatisfeitos, egoístas e ambiciosos, praticantes de uma solidariedade humana festiva, ocasional e promocional, muitas vezes angustiados ou violentos, dá para duvidar que esses milênios de civilização representem, de fato, progresso.

"O homem só precisa de paz para viver. A alegria de viver vem através da paz, que não é estática, mas dinâmica. Nenhum homem pode dizer que sabe o que é a alegria, antes de ter experimentado a paz. E sem alegria não há vida, mesmo que você tenha uma dúzia de carros, seis mordomos, um castelo, uma capela privada e um abrigo antiaéreo.

Na ânsia de progredir, o homem se afastou demais de sua terra. O homem cresceu muito e se desligou de suas raízes. "Ser humano é estar imerso, implantado, enraizado na terra, na trivialidade cotidiana do mundo ("humano" contém — em si humus, o latim para "terra"). Uma filosofia que abstrai, que procura elevar-se acima da cotidianidade do cotidiano, é vazia."

Eu acho que o caminho do homem não é uma reta em ascensão para o infinito mas, sim, uma curva que se dobra sobre a terra, acompanha seus acidentes, sobe em suas montanhas, mergulha em seus vales, atinge seus cumes mas, dela, nunca se afasta muito.

O homem cresceu muito e adoeceu; e quando adoeceu, perdeu não só a saúde, mas se tornou prisioneiro de si mesmo, pois a doença é também uma patologia da liberdade. Curar, salvar, libertar, aspirações máximas da Medicina, da religião e da política, são etímos diferentes, mas têm o mesmo sentido: restabelecer o equilíbrio do homem consigo mesmo e com o seu ambiente. É restituir ao homem a harmonia para que possa ter paz e felicidade.

O homem procura uma saída, uma cura, que são possíveis, mas que exigem um retorno. O caminho é o do seu interior, uma volta ao seu coração, fonte de toda alegria e felicidade; o segredo é conjugar as riquezas da inteligência com as necessidades da alma. Só um coração puro tem a verdadeira sabedoria capaz de modular o mundo sem agredir, sem o mutilar, capaz de fazer da Terra a moradia do homem.

* Hudson Hubner França é professor titular de Cardiologia e chefe do Departamento de Medicina da Faculdade de Medicina de Sorocaba (PUC/SP).

No próximo dia 9 de dezembro, a turma de 43 da gloriosa Faculdade Nacional de Medicina estará comemorando suas bodas de ouro. Nessa turma há muitos mestres de grande expressão na Medicina pátria. Vários foram autores de trabalhos científicos e sociais de interesse nacional e internacional. Alguns atuaram na política. Mesmo aqueles que não se ocuparam de posições de chefia e relevo, nenhum deixou de ser útil ao próximo. Aqui vai o preito de respeito e reverência do Departamento Cultural da APM à turma de 43 da Praia Vermelha, e para recebê-lo ninguém melhor do que o professor doutor Edmundo Maia, glória viva da Psiquiatria Nacional, que há cinquenta anos, naquela nobre Casa, também recebia o seu diploma.

A editora Summus acaba de lançar o livro *Conversando com a Doença*, de Albert Kreinher, traduzido por Vera Palma e Edith Elek. O autor, terapeuta junguiano, acometido de doenças graves durante a vida (melanoma, tuberculose, artrite), procura, em capítulos curtos, discorrer símbolos e imagens associadas às manifestações das doenças de que padeceu, estabelecendo, com elas, curiosa relação de fé, esperança, sem fugir da realidade que as cerca. O autor clinizou em Los Angeles por mais de 25 anos e morreu de câncer em 1990, aos 76 anos de idade. A obra é recomendada a os que trabalham com doentes crônicos e aos próprios doentes.

Renato Báez lançou mais um livro, "Arte e Fé", no qual reúne dados históricos e muita poesia, deleite anímico para o leitor enriquecer-se de cultura, sentir em versos as excelsas qualidades do autor.

O grande mestre da Proctologia nacional, professor Orlando Zamitti Mammana, fez, recentemente, valiosa doação de várias obras raras de Proctologia para a biblioteca da APM. Entre elas encontra-se o livro *Proctology Anatomy*, de Gorsh, o qual faz referência à tese do professor Mammana. No próximo número do Suplemento Cultural será publicado artigo sobre a vida e a obra do mestre em apreço.

Armando M. Delmanto lançou recentemente o livro "Memórias de Botucatu 2", que, em verdade, é a história da Medicina de Botucatu, desde o pioneirismo do dr. Costa Leite que fundou, no século passado, a Misericórdia Botucatuense, passando pela Casa de Saúde Sul Paulista, em 1928, até a criação da Faculdade de Medicina de Botucatu, em 1962. Obra de real importância aos que se dedicam à história da Medicina paulista e aos que gostam da boa leitura que respeita e enaltece as tradições da nossa terra.

G.A.P.